

Decolonializar a formação docente: o percurso do grupo de pesquisa SULEAR

Decolonialize teacher training: the journey of the SULEAR research group

Decolonizar la formación docente: el recorrido del grupo de investigación SULEAR

Cláudia Battestin
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)
battestin@unochapeco.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-7871-9275>

Anderson Luiz Tedesco
Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC)
anderson.tedesco@unoesc.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-7425-1748>

Elcio Cecchetti
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)
elcio.educ@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0946-320X>

Leonel Piovezana
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)
leonel@unochapeco.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-8577-319X>

RESUMO

Este artigo objetiva contextualizar a criação do Grupo de Pesquisa SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina e refletir sobre os seus desafios no âmbito do movimento de decolonização do saber e, notadamente, dos processos formativos. Metodologicamente, trata-se de uma reflexão-narrativa de caráter qualitativo, do tipo histórico-bibliográfica, de vertente latino-americana, pela qual mobiliza um conjunto de ideias que, nas últimas décadas, tem provocado diferentes sujeitos e coletividades a revisarem os fundamentos da educação colonial, indicando a necessidade de (re)desenhar os processos formativos, para abranger a pluralidade de mundos possíveis, para além as concepções ocidentais e modernas. Inicialmente, apresenta o contexto histórico-social e educativo da criação do Grupo SULEAR; em seguida, descreve as principais ações desenvolvidas pelos

integrantes do Grupo; por fim, reflete sobre a colonialidade do saber e a necessidade de decolonizar os processos de formação docente. Conclui que o SULEAR é um espaço de resistência na construção de uma formação decolonial, na medida em que subsidia percursos formativos capazes de problematizar os processos de formação colonizantes ainda hegemônicos na atualidade.

Palavras-chave: *Sulear. Decolonialidade. Interculturalidade. América Latina.*

ABSTRACT

Intercultural and Decolonial Pedagogies in Latin America and reflect on their challenges within the movement to decolonize knowledge and, notably, training processes. Methodologically, it is a narrative-reflection of a qualitative nature, of the historical-bibliographical type, with a Latin American aspect, through which it mobilizes a set of ideas that, in recent decades, have provoked different subjects and communities to review the foundations of colonial education, indicating the need to (re)design training processes, to account for the plurality of possible worlds, beyond Western and modern conceptions. Initially, it presents the historical-social and educational context of the creation of the SULEAR Group; it then describes the main actions carried out by the Group's members; and, finally, reflects on the coloniality of knowledge and the need to decolonize teacher training processes. It concludes that SULEAR is a space of resistance in the construction of a decolonial formation, as it subsidizes training paths capable of problematizing the colonizing formation processes that are still hegemonic today.

Keywords: *Sulear. Decoloniality. Interculturality. Latin America.*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo contextualizar la creación del Grupo de Investigación SULEAR: Educación Intercultural y Pedagogías Decoloniales en América Latina y reflexionar sobre sus desafíos en el ámbito del movimiento por la descolonización del saber y, en particular, de los procesos de formación. Metodológicamente, se trata de una reflexión-narrativa de carácter cualitativo, de tipo histórico-bibliográfico, con vertiente latinoamericana, a través de la cual moviliza un conjunto de ideas que, en las últimas décadas, han provocado que diferentes sujetos y comunidades revisen los fundamentos de la educación colonial, indicando la necesidad de (re)diseñar los procesos de formación, para dar cuenta de la pluralidad de mundos posibles, más allá de las concepciones occidentales y modernas. Inicialmente se presenta el contexto histórico-social y educativo de la creación del Grupo SULEAR; luego se describen las principales acciones realizadas por los integrantes del Grupo; y, finalmente, reflexiona sobre la colonialidad del saber y la necesidad de decolonizar los procesos de formación docente. Concluye que el SULEAR es un espacio de resistencia en la construcción de una formación decolonial, en la medida que subsidia caminos de formación capaces de problematizar los procesos de formación colonizadora que aún son hegemónicos en la actualidad.

Palabras clave: *Sulear. Decolonialidad. Interculturalidad. América Latina.*

Introdução

O anseio de criar um grupo de pesquisa intitulado SULEAR, que assume, no seu nome e projeto, o desejo de estudar a *Educação Intercultural e as Pedagogias Decoloniais na América Latina*, adveio das necessidades de diálogo com a realidade cultural, histórica e social das sociedades latino-americanas e caribenhas.

A práxis intercultural é uma constante dos que fazem parte do grupo SULEAR, uma vez que o oeste do estado de Santa Catarina é terreno fértil para este tipo de debate, devido às fortes influências dos projetos de colonização que permearam por décadas esta região. Decolonizar epistemologias educacionais que historicamente se sustentam no *nortear*, ou seja, no pensamento ocidental, que invisibiliza as epistemologias do Sul, dos povos que originariamente habitaram distintos territórios desde o hemisfério sul do mundo, faz-se urgente e necessário.

Foi no ano de 2020 que o grupo passou a ser tecido, tramado e projetado para uma região que ainda vive intensamente os resquícios da colonização. Cabe destacar que todos(as) os(as) pesquisadores(as) pesquisam e trabalham em uma linha de pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), intitulada: *Diversidade, interculturalidade e educação inclusiva*. Esse programa é a expressão maior de um processo vivido pela Universidade, a qual, ao longo de sua história na Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul, tem recebido estudantes de diferentes regiões e culturas.

Com base no contexto regional, o Grupo SULEAR busca, a partir da Educação, dar inteligibilidade a outras epistemologias e pedagogias constitutivas da realidade social, priorizando as relações entre universidade-comunidade, mas também no âmbito de integração e diálogos com redes nacionais e internacionais.¹

O Grupo de Pesquisa *SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina* investiga problemáticas relacionadas às relações interculturais e decoloniais nos processos educacionais na América Latina e Caribe,

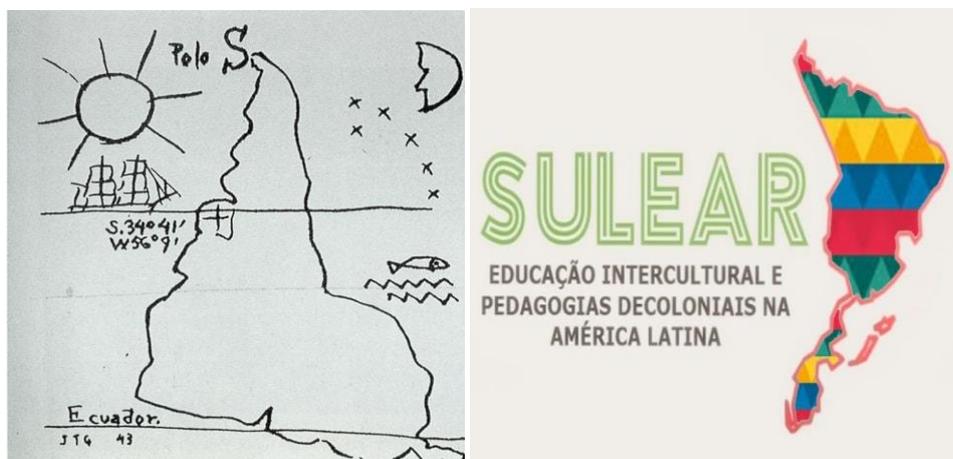
¹ Integrantes do Grupo SULEAR são coidealizadores e cofundadores da Rede Latino-Americana de Diálogos Decoloniais e Interculturais (REDYALA). Mais informações disponíveis em: <https://www.redyala.com/origens>

especialmente as que envolvem pedagogias interculturais e decoloniais. Além disso, desenvolve pesquisas em nível de iniciação científica, graduação e pós-graduação e processos socioculturais de investigação interinstitucionais subsidiado por diferentes fontes de fomento.

A identidade visual do Grupo de Pesquisa recebeu influência da arte e dos escritos de Joaquim Torres Garcia (1874-1949), artista e escritor uruguaio, que teve experiências na Europa, no início do século XX, e ousou inverter as posições dos continentes do mapa-múndi, conforme apresenta a Figura 1. Em sua obra *América invertida*, publicada em 1943, afirma que:

[...] en realidad, nuestro norte es el Sur. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte. (TORRES-GARCÍA, 1941, [s. p.]).

Figura 1 – Identidade Visual do Grupo SULEAR



Fonte: Adaptação da obra de arte de Joaquim Torres Garcia (1874-1949)

Foi com essa inspiração que Grupo de Pesquisa SULEAR foi instituído, para investigar, mapear, valorizar e compartilhar epistemologias e pedagogias capazes de dialogar com realidades e necessidades que permeiam os espaços educativos desde a América Latina e o Caribe.

Em vista disso, o artigo objetiva contextualizar a criação e refletir sobre os desafios do Grupo de Pesquisa SULEAR: Educação Intercultural e Pedagogias Decoloniais na América Latina. A criação do Grupo situa-se no âmbito do movimento de decolonização do saber e, notadamente, dos processos educativos.

Metodologicamente, trata-se de uma reflexão-narrativa de caráter qualitativo, do tipo histórico-bibliográfica, de vertente latino-americana, pela qual mobiliza um conjunto de ideias que, nas últimas décadas, tem provocado diferentes sujeitos e coletividades a revisarem os fundamentos da educação colonial, indicando a necessidade de (re)desenhar os processos formativos, para abranger a pluralidade de mundos possíveis, para além as concepções ocidentais e modernas.

Estruturalmente, o texto divide-se em três partes: na primeira parte, apresenta o contexto histórico-social e educativo da criação do Grupo SULEAR; na segunda, descreve as principais ações desenvolvidas pelos integrantes do Grupo, no âmbito do PPGE da Unochapecó e da região do Oeste catarinense; na última, reflete sobre a colonialidade do saber e a necessidade de decolonizar os processos de formação docente.

O contexto de criação de um grupo de pesquisa que busca Sulear

A criação do Grupo de Pesquisa SULEAR ocorreu a partir da elaboração de um projeto de longa duração por um coletivo docente a fim de sistematizar e dar sustentação aos demais projetos de pesquisa do PPGE da Unochapecó. Por isso, os eixos temáticos do Grupo se articulam aos projetos específicos de cada pesquisador, cuja origem advém de temas/problemas oriundos da realidade social latino-americana, tais como: diálogo intercultural, decolonialidade, educação intercultural, diversidade religiosa, e educação superior intercultural indígena.

De acordo com Gamboa (2013), os grupos de pesquisa surgem como uma nova forma institucional de potencializar as condições de produção do conhecimento científico. As diversas demandas externas, oriundas das agências de fomento e as tarefas e atividades diferentes atribuídas aos grupos de pesquisa têm

gerado formas diversificadas de organização e têm motivado a construção de múltiplas experiências.

Nesse sentido, as linhas de pesquisa que estruturam o grupo SULEAR dialogam com três grandes temáticas. A primeira é a *Educação Intercultural e Diversidade Religiosa*, que busca investigar processos educativos de perspectiva intercultural que fomentem o reconhecimento da diversidade religiosa na América Latina e Caribenha. Compreendendo que a diversidade religiosa é uma característica intrínseca das sociedades deste continente, as pesquisas desta Linha buscam problematizar projetos neocoloniais que pretendem converter, combater, subalternizar e homogeneizar a riqueza de expressões religiosas. Esta Linha investiga processos educativos de perspectiva intercultural que fomentam o reconhecimento da diversidade religiosa na América Latina e Caribenha. Também visa a fomentar propostas político-pedagógicas que favoreçam a laicidade da escola, o respeito à diversidade religiosa, o aprendizado da convivência intercultural e o diálogo entre distintas concepções, identidades e diferenças.

A segunda linha, intitulada *Diálogo Intercultural e Decolonialidade*, estuda as diferentes contribuições do diálogo intercultural para uma educação que esteja ancorada na perspectiva decolonial. Esta linha problematiza as estruturas, as relações e as lógicas epistêmicas ocidentalizadas, que construíram formas de invisibilidade e marginalidade dos povos originários. Também promove diálogos interculturais a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, para fazer avançar a emancipação das diferenças que sofreram/sofrem por conta das lógicas hegemônicas do poder e do saber.

A última linha de pesquisa, denominada *Educação Superior Intercultural Indígena*, investiga os processos de educação superior indígena, seus impactos e suas contribuições no desenvolvimento étnico-cultural destas populações, considerando que, nas últimas décadas, diferentes iniciativas de oferta de Educação Superior aos povos indígenas foram desenvolvidas no Brasil e na América Latina. Esta linha investiga os processos de formação superior realizados em diferentes contextos, seus impactos sociais, culturais, econômicos, ambientais e territoriais, e suas contribuições na configuração de novas territorialidades.

A convergência destes temas e dessas realidades envolve distintas esferas espaciais e temporais. Nas esferas espaciais, são reconhecidas as especificidades das regiões do oeste catarinense, do noroeste gaúcho e do sudoeste paranaense, bem como as fronteiras internacionais com a Argentina ou com a mesorregião da Grande Fronteira Sul. Nas temporais, encontram-se esferas étnicas, como as etnias Kaingang, Xokleng, Guarani, cabocla, afro-brasileiros, e descendentes de europeus (italianos, alemães e poloneses), de asiáticos e, recentemente, a partir de 2012, os imigrantes provenientes do Haiti e Venezuela. É potente o histórico das lutas e resistências que se projetaram neste espaço, que o transformou em um “celeiro” de movimentos sociais, tais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), os Movimentos de retomada das terras indígenas, o Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB), entre outros.

Todas essas motivações contribuíram muito para criação de um grupo de pesquisa que dialoga com experiências nômades, híbridas, topológicas, culturais, axiológicas, políticas e utópicas - decoloniais e interculturais, capazes de construir e dar inteligibilidade para a relação entre universidade e sociedade, uma marca da Unochapecó enquanto instituição comunitária.

Essas problemáticas são de grande relevância acadêmico-formativa para o corpo discente e docente do PPGE. Quanto ao corpo docente, seus aportes teórico-metodológicos se originam das mais distintas correntes de pensamento, o que torna esse projeto bastante rico, principalmente, se considerarmos que os projetos de cada investigador são embasados nas diversas ciências aplicadas à educação, a saber: filosofia, sociologia, direito, ciências da religião, psicologia, geografia, jornalismo e história. Nestes termos, o PPGE tem, como uma de suas metas, a produção de pesquisas com aportes epistemológicos da decolonialidade e interculturalidade que se fazem presentes no contexto regional.

A fim de potencializar a produção do conhecimento, construída a partir das demandas, trajetórias e experiências dos professores e estudantes na prática investigativa, o grupo SULEAR adota a interdisciplinaridade como forma de garantir a coerência interna e a unidade dos projetos de pesquisa. De acordo com Gamboa (2013, p. 101),

[...] a construção de novas concepções da pesquisa que problematizam os fenômenos nos seus contextos e na sua evolução histórica exige abordagens histórico compreensivas, atreladas a uma visão ampla e global da realidade, possível de ser constituída através de uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa adota uma concepção de pesquisa assentada em dimensões coletivas e interdisciplinares, que tenham como pilares pensar uma educação intercultural e decolonial na América Latina e Caribenha, ampliando horizontes e diálogos em redes interinstitucionais de colaboração em nível nacional e internacional.

Isso tem exigido que os problemas de pesquisa sejam identificados e construídos a partir da organização e de articulações entre as atividades de pesquisa, orientação e ensino, na produção e socialização do conhecimento científico, no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* em estreita articulação com os problemas de pesquisa oriundos da formação inicial.

Por conseguinte, o Grupo vem desenvolvendo estudos de problemáticas relacionadas às relações interculturais e processos educacionais na América Latina e Caribe, especialmente as que envolvem pedagogias decoloniais em territórios contestados e de resistências, que historicamente sofreram e sofrem com os resquícios do projeto de colonização, iniciado em 1500.

A condição entre colonizador e colonizado persiste, reafirma e mantém a permanência das massas minoritárias que buscam uma decolonialidade de sua condição social, cultural e, principalmente, histórica. A necessidade de efetivar uma educação decolonial, tanto no âmbito acadêmico, social como comunitário, busca reconhecer os direitos de mobilidade social e cultural das minorias, tornando-se uma condição de responsabilidade de todos. (TEDESCO; BATTESTIN, 2022, p. 13)

Afinal, investigar processos educativos de perspectiva intercultural e decolonial implica adotar uma abordagem diferenciada para evitar colonialismos. Eduardo Galeano (2002), historiador uruguaio, já dizia que o colonialismo visível mutila, proíbe de dizer, proíbe de fazer, proíbe de ser, é invisível e convence de que a servidão é um destino e de que não se pode dizer, fazer e ser. É nesse sentido que

buscamos sulear, a fim de evitar a propagação dos colonialismos e das colonialidades.

De que maneira suleamos?

O movimento de construir pesquisas no âmbito da interculturalidade e decolonialidade já existia antes da constituição do grupo SULEAR; porém, não era sistematizado nem discutido em grupo. A partir da constituição do Grupo, foi possível sistematizar e propor diversas atividades, tais como a oferta de uma disciplina específica no PPGE sobre a temática, ministrada na língua espanhola e a partir de textos de autores latino-americanos. Intitulada *Educación intercultural y (de)colonialidad en Latinoamérica*, esta disciplina foi a primeira a ser ofertada na Unochapecó nesta modalidade. Ministrada anualmente, desde 2020, sempre contou com a participação de professores provenientes de vários países da América Latina, o que muito tem enriquecido a experiência formativa dos estudantes. Assim, buscase fundamentar epistemologicamente os discentes na perspectiva da interculturalidade crítica e da decolonialidade do saber, perpassando pelo giro epistêmico e pensamento fronteiriço. Essa experiência tem gerado uma maior aproximação com o pensamento latino-americano e, também, com o idioma espanhol, uma vez que a produção final da disciplina requer a produção de um ensaio escrito nessa língua.

Várias pesquisas realizadas pelos membros do SULEAR ganharam destaque, principalmente pelas dissertações defendidas, a saber: Edilvania de Paula dos Santos, mulher kaingang, defendeu sua dissertação sobre *A importância da educação escolar indígena na terra indígena Xapecó*, sendo a terceira mulher Kaingang a obter o título de mestra em uma terra indígena com mais de 7 mil kaingangs. Bernard Guedes Dariva defendeu a pesquisa sobre *Sentipensar a educação ambiental a partir da perspectiva decolonial: caminhos desde El Sur*. Bruno Huffel de Lima desenvolveu a pesquisa sobre: *As contribuições do pensamento decolonial e da interculturalidade para o ensino superior em Psicologia no Brasil: estratégias epistemológicas para uma formação decolonizadora*. Charlene Pereira abordou as *Histórias e memórias dos assentamentos de Abelardo Luz: a luta e a defesa por uma educação do campo*,

fazendo de seu percurso e sua vida em assentamento um estudo que sistematiza a importância de uma educação do campo. Professor Kaingang, Getúlio Narsizo pesquisou sobre *A cosmologia na educação e vida do povo Kaingang da terra indígena Xaçecó*, tendo sua dissertação publicada em livro e distribuída em escolas indígenas por intermédio de um edital do estado de Santa Catarina. Jailson Bonatti defendeu a dissertação sobre *A decolonialidade enquanto perspectiva epistemológica para pensar a educação em Abya Yala*, apresentando epistemes de povos e culturas da América Latina com uma perspectiva decolonial. Zenaide Borre Kunrath realizou pesquisa sobre *Gestão Escolar Intercultural: contribuições para acolhimento da diversidade*. Josiane Crusaro Simoni dissertou sobre *Territórios Formativos em Ensino Religioso Não Confessional*. Valnei Brunetto analisou a relação entre *Trabalho e educação no processo migratório de haitianos no Brasil*. Marinês Rosa Palavicini Sotili pesquisou as *Práticas pedagógicas do movimento de mulheres camponesas em contextos educativos*. Ana Paula Narsizo, outra professora indígena, *abordou a Formação de professores indígenas e educação integral nos processos de ensino-aprendizagem*.

Na graduação e nos projetos de iniciação científica, há vários trabalhos envolvendo temáticas da educação intercultural, educação indígena e processos de imigração. Muitas dessas investigações já foram apresentadas e publicadas em anais, capítulos de livros e artigos em periódicos científicos, em níveis regionais, nacionais e internacionais, por professores e estudantes, resultando em mais de 40 produções.

O SULEAR ampliou sua divulgação e passou a ser reconhecido institucionalmente ao apoiar relevantes eventos científicos da Universidade, a saber: *V Seminário Internacional Culturas, Desenvolvimentos e Educações (SICDES)*, o *V Congresso Internacional Pluralismo Jurídico, Constitucionalismo, Buen Vivir e Direitos da Natureza (CINPLURAL)* e o *III Seminário Internacional Diálogos Interculturais na América Latina (SIDIAL): saberes da (Re)existência*, que foram realizados de forma virtual, em 2022. Com o tema *Territórios, Direitos Humanos e Re-existências na América Latina*, os eventos objetivaram promover espaços de diálogos sobre o contexto e as problemáticas que afetam nosso continente,

contribuindo para a construção de alternativas epistemológicas, territoriais e educacionais que subsidiem saberes para reexistências e esperanças.²

O grupo SULEAR também organizou vários debates sobre estudos interculturais e decoloniais. Uma delas, que teve bastante adesão e encontra-se disponível no canal do Youtube da Redyala³, foi ministrada por Pedro Jonatas Chaves, com o tema: *Por uma didática em perspectiva decolonial*. Outra ação do grupo contou com a participação das professoras Maria Cecília Garcez Leme, da Universidade Nacional de Costa Rica (UNA) e Suzan Alberton Pozzer, doutoranda pela Universidade de Salamanca (USAL). O tema abordado foi *Infâncias e (de)colonialidade*, que contou com a participação de mais de cem pessoas de várias regiões e países.

Outra marcante conquista do grupo SULEAR foi a aprovação de um projeto no âmbito da Chamada Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes. A pesquisa, ainda em andamento, analisa os impactos e as transformações das escolas de educação básica e dos cursos superiores de licenciaturas intercultural indígena, administradas no interior das Terras Indígenas na região Sul do Brasil.

Vale destacar que a Unochapecó oferece, em parceria com o governo do estado de Santa Catarina, licenciaturas interculturais indígenas com uma modalidade diferenciada, específica e bilíngue. Por esse motivo, identificamos que, dos 310 matriculados e egressos das Licenciaturas Interculturais da Unochapecó, diversos trabalham profissionalmente em instituições de educação básica, secretarias de educação e demais empresas da região, transformando e produzindo conhecimentos em diferentes espaços. A oferta de Ensino Superior Intercultural Indígena tem feito a diferença nas comunidades indígenas, uma vez que 90% dos professores das escolas indígenas atualmente são da própria etnia indígena.

Com o apoio do grupo SULEAR, foram realizados seminários com os egressos e estudantes indígenas matriculados regularmente nos cursos de licenciaturas intercultural em andamento, no ano de 2022. Dois momentos ocorreram: o

² Para saber mais sobre os referidos eventos consultar: <https://doity.com.br/america/>.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@REDYALA>.

primeiro para diagnóstico, avaliação e levantamento de problemas e novas demandas; o segundo, para análise dos resultados. Cada estudante egresso respondeu a um questionário e a uma entrevista. Todas as atividades e parte dos entrevistados foram gravados e filmados para a constituição de relatório e a proposta de ofertar novos cursos profissionais e tecnológicos, bem como de um filme documentário. A proposta atende às demandas das Terras Indígenas Xapecó, Toldo Chimbanguê, Toldo Pinhal, Palmas, Toldo Imbu e Kondá, localizadas nos municípios de Ipuacu, Entre Rios, Abelardo Luz, Chapecó e Seara, no oeste de Santa Catarina.

O projeto aprovado possibilita o desenvolvimento de novos projetos de cursos superiores interculturais para uma população de mais de 25 mil pessoas das etnias Kaingang e Guarani, que resistem, por séculos, em uma região que ainda vive resquícios de um projeto de colonização. Suleamos por acreditarmos na mudança e no universo das possibilidades decolonizadoras que temos em nossas práxis.

Em perspectiva decolonial, a consciência histórica sociocultural é o ato de atravessar ou romper as fronteiras do ethos da colonização. Assim, é urgente a constituição de espaços de diálogos e reflexões nas salas de aulas, a respeito da educação decolonial que questiona as linguagens verticalizadas e egocêntricas dos colonizadores. Tais espaços educativos precisam abrir-se para as preocupações éticas, o reconhecimento e o respeito com o Outro [...]. (TEDESCO; BATTESTIN, 2022, p. 14).

É neste movimento que o grupo de pesquisa SULEAR pretende seguir dialogando e produzindo epistemologias capazes de romper com as amarras coloniais que foram constituindo espaços de formação com epistemologias eurocentradas. É um projeto coletivo, com esforços e desejos que perpassam a teoria e a prática, pois motivam a emancipação por meio do reconhecimento das diversidades de povos, culturas, histórias, epistemes, educações e modos próprios de ser e de viver.

Decolonizar o saber na formação docente

De maneira geral, os currículos, as formações e os processos de escolarização atual foram pensados a partir de lógicas colonizantes que historicamente subalternizaram linguagens, epistemes, saberes, valores e práticas sociais de inúmeros povos e grupos. Por exemplo, as culturas indígenas, afro-americanas e outras tantas coletividades que se distinguiram do modelo civilizatório europeu, foram obrigadas a deixarem de ser, proibidas de cultuarem suas crenças, seus costumes e suas tradições. Não é difícil identificar a perversidade das lógicas colonizantes quando, em espaços escolares e universitários, se sobrepõem concepções educativas que promovem a homogeneização, a patologização de corpos, culturas, saberes e subjetividades. Esses movimentos de (de)formação se reproduzem com o auxílio das escolas e das instituições universitárias cujos currículos e modos de compreender a realidade, em grande parte, estão pautados em modelos monoculturais, cientificistas e normalizadores das diferenças (CECCHETTI; POZZER; TEDESCO, 2020).

A colonialidade do saber manifesta-se justamente por meio da adoção de um corpus propedêutico, que veicula conhecimentos abstratos e descontextualizados sob a forma de disciplinas científicas. Não por acaso, em muitas escolas públicas, ainda hoje, estudantes de distintas culturas e realidades são confrontados com as mesmas disciplinas e submetidos a currículos padronizados e estruturados em saberes considerados universais.

Para movimentar este sistema, organizou-se um modelo de formação docente cuja metodologia centra-se na transmissão de técnicas de ensino que garantam o governo de estudantes provenientes de contextos distintos, complexos e desiguais. Em detrimento das alteridades e singularidades, esse sistema menospreza o caráter relacional da formação humana, que ocorre em diálogos vivenciais e contextuais, pelos quais a vida se recria e as identidades se ressignificam. “Este modelo histórico de formação de professores está centrado na ‘mesmidade’ e na presunção da superioridade da ciência ocidental” (CECCHETTI; POZZER; TEDESCO, 2020, p. 192).

Nas palavras de Mignolo (2008, p. 241), o pensamento decolonial é uma opção “[...] de coexistência (ética, política, epistêmica). Não de coexistência pacífica,

mas de conflito que reclama o direito de reexistência em todas as ordens do pensar e do viver”.

Diante disso, faz-se necessário suspeitar de discursos e práticas acadêmico-educacionais legitimadas historicamente como verdades naturalizadas, para enfrentar a colonialidade epistêmica entranhada aos processos de formação docente. Conforme observam Walsh, Oliveira e Candau (2018), o racismo epistêmico se reproduz na atualidade mediante presenças e ausências curriculares. Os autores denunciam como os currículos e as práticas pedagógicas têm contribuído para (re)produção de invisibilização, para silenciamentos e exclusões das culturas, histórias, literaturas, expressões artísticas e religiosidades de origem africana e afro-brasileira. De acordo com estudos de Battestin, Caballero e Vergara (2022, p. 154):

O caráter de luta implica exatamente na inclusão de elementos culturais que acompanham as trajetórias dos povos subalternos, que foram excluídos e proibidos de ser pelo projeto da colonialidade, mas que seguem resistindo. É nesta dinâmica que uma análise política do discurso, enquanto prática discursiva no campo político afrodescendente, se faz necessária no campo do currículo, pois são essas demandas curriculares inclusivas que compreendermos serem importantes para romper com as amarras coloniais.

Perante constatações como estas, identificadas em diferentes contextos, Mota Neto (2018), assim como Walsh, Oliveira e Candau (2018), propõe uma *pedagogia decolonial* que enfrente o colonialismo intelectual, o tradicionalismo pedagógico e o autoritarismo da ciência moderno-colonial. Problematizando as perspectivas monoculturais, especialmente o privilégio da cultura escrita, da rigidez científica e da fragmentação do conhecimento, a pedagogia decolonial busca capacitar os grupos subalternos para a luta contra a lógica opressiva da modernidade/colonialidade. Nesse sentido, as pedagogias decoloniais estimulam o pensar a partir de racionalidades, conhecimentos, práticas e modos de vida distintos. São pedagogias que convidam a estar, ser, sentir, existir, fazer, pensar, olhar, escutar e saber de outro modo a partir de uma interculturalidade crítica. Para

Walsh *et al.* (2010), é preciso observar que a interculturalidade crítica parte do problema do poder, da racionalização e da diferença com que foi construída.

Em termos gerais, o racionalismo ocidental ainda fundamenta os processos de formação de professores mediante a transmissão/reprodução de conhecimentos de uma única base identitária, inviabilizando interações e diálogos com o mundo da vida, marcado pela diversidade de concepções, experiências, práticas e perspectivas, distanciando os pressupostos de uma educação intercultural e decolonial. De modo a reproduzir o modelo de educação homogeneizante, a formação docente foi pensada e organizada estrategicamente de forma fragmentada e uniforme. O privilégio dado para a dimensão cognitiva, a aquisição de conteúdos fragmentados, genéricos e abstratos, frequentemente distanciados do cotidiano escolar, dificultam o reconhecimento de saberes, culturas e experiências cotidianas. De acordo com Streck (2010), esse modelo está voltado à manutenção da dominação e à transmissão de elementos culturais eurocêntricos.

Transgredir estes modelos requer educadores subversivos que, segundo Mota Neto (2018), desenvolvam uma pedagogia a partir das fissuras ou das feridas abertas pela colonialidade/modernidade, sem arrogância, elitismo e academicismo tão presentes nos educadores bancários tradicionais.

Por isso, a formação decolonial é um dos anseios do Grupo SULEAR, haja vista a instrumentalização da educação pelo projeto colonizador que, segundo Quijano (2014), foi responsável pelo ocultamento histórico e seletivo dos conhecimentos, dos saberes, das oralidades e das cosmologias presentes nas comunidades originárias, deixando marcas profundas que perduram e caracterizam a “[...] expressão máxima do domínio cultural, histórico e global do eurocentrismo” (p. 783). Quijano (2014) defende a ideia de que a colonização foi um projeto que determinou quais identidades e culturas poderiam permanecer, ou não, legitimando o monoculturalismo criado pelo colonizador como único modelo universal de cultura, história e sociedade.

Nessa lógica, os autores Battestin, Caballero e Vergara (2022, p. 159) contribuem, afirmando que:

Como consequência da hegemonia do capitalismo, durante esses anos as formas de exploração se modificaram e diversificaram, tornando-as mais extremas na pobreza, transformando tudo em mercadoria que regula o mercado por meio da oferta e da demanda. Incluindo os recursos naturais da humanidade: água, ar, florestas e selvas, montanhas, solo e subsolo, o homem/mulher se transformou em mercadoria. Os direitos são vistos como um bem de consumo, como moeda de troca em: justiça, cultura, educação, saúde, a própria vida, colocando-o na bolsa de valores, onde tudo se pode comprar e o que não se pode comprar se tira. Quebrando cada elemento, história, cultura, legado e vida. Neste viés, compreendemos que o projeto da colonialidade, da modernidade segue em curso e que as instituições de ensino possuem a possibilidade de construir diálogos decoloniais através de um currículo que aponte para a emancipação e superação da dominação hegemônica.

Essas preocupações com as formações não colonizantes em rede possibilitam visualizar os modos de ser e viver do povo latino-americano. Em uma provocação profunda de Ribeiro (2010, p. 45), se a América Latina existe, ela nos dirá: “A América Latina existiu, desde sempre, sob o signo da utopia. Estou convencido mesmo de que a utopia tem seu sítio e lugar”. Nesse sentido, os currículos que olham para a condição humana precisam incluir essa latinidade.

Considerações Finais

O desafio do grupo de pesquisa SULEAR é construir e compartilhar pesquisas e investigações que, a partir de enfoques teórico-metodológicos decoloniais, permitam refletir sobre problemáticas relacionadas às relações interculturais e decoloniais nos processos educacionais na América Latina e Caribe. Este desafio situa-se em um movimento popular e acadêmico destinado a fomentar propostas político-pedagógicas que favoreçam a convivência intercultural e o diálogo entre distintas concepções, identidades e diferenças.

Esses intentos problematizam e buscam superar a perspectiva colonial, que historicamente vem ocupando espaços de exploração e dominação entre as culturas e os povos na América Latina. Por isso, é necessário promover diálogos interculturais, a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, para fazer avançar a emancipação das diferenças que sofreram/sofrem as lógicas hegemônicas do poder e saber.

Com efeito, muito já se fez para promover o devido reconhecimento da diversidade cultural. O processo se desenvolve à medida que os outros(as) se afirmam como sujeitos históricos e a diversidade cultural vai se afirmando como uma constante histórica em nossa formação social, política, cultural e pedagógica. Essa constante exige o reconhecimento da história da cultura latino-americana e caribenha.

Nesse movimento, a afirmação da diversidade cultural e a copresença dos diferentes e das diferenças geram muitas tensões nas escolas, nas políticas, nas artes, nos currículos, na docência, na ciência, enfim, em diversos setores da vida social; afinal, a afirmação da diversidade cultural questiona o monopólio da cultura única, dos valores únicos e de alguns sujeitos considerados como os únicos legítimos de produção de cultura.

Em síntese, afirmar a diversidade cultural implica trabalhar com epistemologias que sejam capazes de fomentar reações às práticas históricas de dominação e dar visibilidade às resistências e às lutas de libertação; significa afirmar culturas vivas e que essas não foram totalmente aniquiladas, sobrevivendo, portanto, na educação popular brasileira e latino-americana (ARROYO, 2012).

O SULEAR se constituiu nesse espaço de diálogos possíveis e concretos, em sua mensagem intercultural, respeitosa e horizontal, como meio contributivo para reorganizar as relações entre culturas e fomentar a comunicação solidária entre as diversas fronteiras culturais existentes na humanidade. Trata-se de um espaço para decolonizar, para, então, construir um diálogo intercultural, em que não se medem nem excluem conhecimentos, crenças, modos de ser, estar e pensar o mundo.

O projeto SULEAR, criado por um coletivo docente, visa a construir – por meio de suas investigações, teses, dissertações, publicações, participações e organizações de eventos – outros olhares, não mais do colonizador e opressor da história, mas sim das muitas vozes caladas e invisibilizadas. Este é o nosso desafio: avançar nas redes de formação para que haja mudança curricular no ensinar para a diversidade, para a interculturalidade e a partir de uma epistemologia decolonial, olhando para o nosso tempo de resistência em nossa América.

Referências

ARROYO, Miguel González. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BATTESTIN, Cláudia; CABALLERO, Faget Gustavo; VERGARA, Gárate Francico. Conexões entre políticas afrodescendentes, currículo e ensino desde uma perspectiva decolonial e pós-colonial. **Revista Aula**, [S. l.], v. 28, p. 151-160, 2022.

CECCHETTI, Elcio; POZZER, Adecir; TEDESCO, Anderson Luiz. Formação docente intercultural e colonialidade do saber. **Revista del CISEN Tramas/Maepova**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 187-200, 2020.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002

GAMBOA, Silvio Sanchez. Grupos de Pesquisa: limites e Possibilidade na construção de novas condições para a produção do conhecimento. *In*: SILVA, Maurício Roberto da; PAIM, Elison Antonio; BERTICELLI, Ireno Antonio. **Educação em Análise: Formação de educadores e produção de pesquisas num contexto de desigualdades socioculturais**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2013. p. 16-31.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Literatura, língua e identidade**, [S. l.], v. 34, p. 287-324, 2008.

MOTA NETO, João Colares da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: convergências entre a educação popular e a investigação ação participativa. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S. l.], v. 26, n. 84, p. 1-18, 2018.

QUIJANO, Anibal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010. (Coleção Darcy no bolso, v. 1).

STRECK, Danilo. R. **Fontes da pedagogia Latino-Americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TEDESCO, Anderson Luís; BATTESTIN, Cláudia. Uma possibilidade decolonial para pensar a constituição do ethos caboclo no Oeste de Santa Catarina. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1-17, 2022.

TORRES-GARCÍA, Joaquín. **Universalismo constructivo**. Buenos Aires: Poseidón, 1941.

WALSH, Catherine *et al.* Interculturalidad crítica y educación intercultural. **Construyendo interculturalidad crítica**, [S. l.], v. 75, n. 96, p. 167-181, 2010.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, [S. l.], v. 26, n. 83, p. 1-16, 2018.

Revisora de línguas e ABNT/APA: Michela Silva Moreira.

Submetido em 17/08/2023

Aprovado em 16/11/2023

Licença *Creative Commons* – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)